

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORIAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

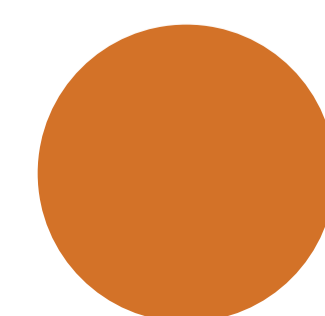
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

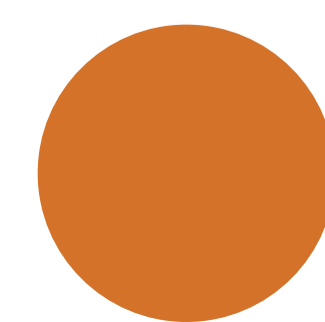
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

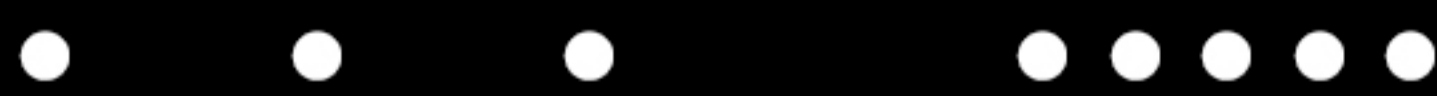
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 3
feminismos plurais,
PERFORMANCES
E PERFORMATIVIDADES



AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL

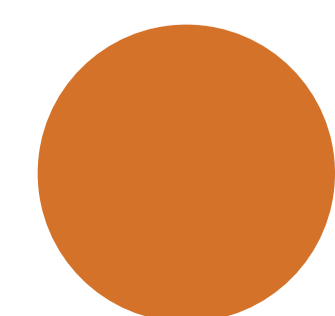
Luiz Naim Haddad (UFSM)¹



__RESUMO

Este artigo baseado em alguns conceitos desenvolvidos em minha tese de doutorado, desenvolve um pensamento crítico que relaciona a ideia de *performance* e o campo das artes cênicas, como segmento das atividades produtivas de uma sociedade insustentável. Aponto um olhar sobre o papel da internet e das redes sociais, como ferramenta de controle para a afirmação das diretrizes de uma sociedade que capitaliza as ocorrências, difundindo valores que potencializam a reprodução deste modelo e de seu caráter

¹ Luiz N. Haddad é professor efetivo do quadro de professores do curso de Dança-Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bacharel em música e mestre em artes pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e doutor em teatro pela Universidade Estadual do Estado de Santa Catarina (UDESC). Fundador da Cia Teatro Alkmico atuando como artista desde 1992 na área das artes cênicas e *performance*.



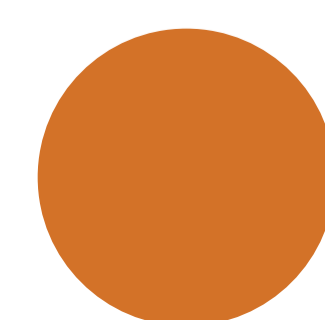
de insustentabilidade. Analiso o evento Covid-19 como uma possibilidade de enxergar essa realidade, enfatizando-o como realce desta condição, entendendo que muito mais que uma problemática direta sobre a saúde pública, opera como um indicador de insustentabilidade do modelo social vigente. Objetivamente enxergo que a possibilidade de pensar no campo das artes cênicas e da *performance* como alternativa a essa realidade, estaria em pensar nossa atividade associada às propostas alternativas ligadas ao desenvolvimento de comunidades alternativassustentáveis e suas premissas.

__PALAVRAS CHAVES

Performance, artes cênicas, sustentabilidade, Covid-19

__ABSTRACT

Based on some concepts developed in my doctoral thesis, this article develops a critical thinking that relates the idea of performance and the field of performing arts, as a segment of the productive activities of an unsustainable society. I point out a look at the role of the internet and social networks, as a control tool for affirming the guidelines of a society that capitalizes on occurrences, spreading

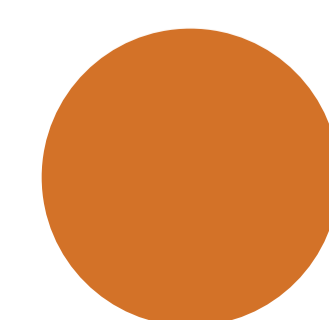


values that enhance the reproduction of this model and its unsustainability character. I analyze the Covid-19 event as a possibility to see this reality, emphasizing it as a highlight of this condition, understanding that much more than a direct problem on public health, it operates as an indicator of unsustainability of the current social model. Objectively, I see that the possibility of thinking about arts and performance as an alternative would be to think about our activity associated with alternative proposals linked to the development of alternative communities and their premises

KEYWORDS

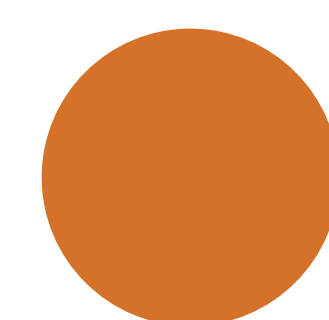
Performance, performing arts, sustainability, Covid-19

Neste texto parto do conceito de *performance* seguindo na esteira de Schechner (1988), que compreende a *performance* como um *continuum* que vai do rito ao teatro, pode passar pela dança e pela *performance* musical, compreendendo eventos da mesma natureza. Em minha tese de doutorado: *Escuta, Movimento, Modos e Maneiras de Existir em Performance*, analiso a *performance* sob um



binômio integrado real/realidade a partir de conceitos desenvolvidos por José Gil (2005), em sua obra *Movimento Total*. Elaborei um pensamento sobre *performance* que leva em conta certa diferenciação entre as noções de real e realidade. Grosso modo, o plano da realidade diz respeito às concretudes, formas, linguagens, sistemas, modelos, desenhos e se refere a um espaço cuja percepção esteja associada aos sentidos e a possível sensação de estabilidade dos objetos e territórios. Já o plano do real refere-se à dimensão do microscópico: invisível e inaudível, um espaço onde tudo se apresenta em movimento.

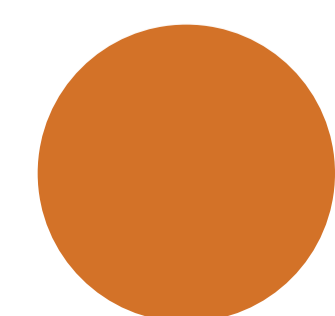
Dentro desta linha de pensamento está justo pensar a *performance* em termos do prefixo *per* como através da forma (*formance*). Ou seja, estabelecer no entendimento da *performance* uma relação de força e forma. Uma força criativa e em movimento que atravessa a forma de uma coreografia, de uma encenação, de uma peça ou concerto musical, em seus interstícios, ou qualquer coisa que apresente esta qualidade de performatividade. Vou um pouco além de Schechner e diluo as fronteiras da *performance* assumindo a relação força/forma, real e realidade para analisar as relações sociais e o campo das artes cênicas. As forças do plano real seriam responsáveis pela estruturação e manutenção das formas, das linguagens, dos sistemas e dos modelos de realidades possíveis. E como uma grande



performance, a sociedade vai transformando sua realidade ajustando sistemas, desenvolvendo linguagens, deformando configurações em um jogo entre sustentabilidade e insustentabilidade de suas estruturas.

Porém, os limites de território entre o real e a realidade apresentam-se em um gradiente de ocorrências, com zonas de transição sem uma distinção definitiva entre os territórios. O real estaria inscrito em um campo que foge ao nosso controle, um campo de forças que constituem formas, modelos, sistemas e linguagem. Já a realidade se inscreve em uma dimensão cognoscível do real, porém sempre suscetível, em suas brechas e interstícios, às forças dinâmicas do real. Tal suscetibilidade é onde residiria a relação entre sustentabilidade e insustentabilidade dos sistemas, formas e modelos. Dessa forma, os sistemas e modelos apresentam as duas tendências no interior de suas estruturas – maior ou menor teor de sustentabilidade ou de insustentabilidade.

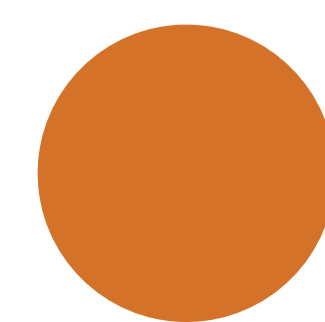
Estaria nessa relação entre real e realidade o lugar em que entendo a *performance* como conceito que se estende além da *performance* artística atribuindo a ela um lugar na realidade dos fatos, ou seja, o real opera na *performance* artística da mesma maneira em que se processa na *performance* cotidiana. As diferenças estariam nas noções de realidades e sistemas operantes, modelos



de *performances* em diferentes situações.

Diante dessas premissas sobre real e realidade, um modelo ou sistema social em concordância com as forças criativas do plano real tenderiam a se manter e sustentar-se enquanto linguagem, forma, modelo ou sistema operante – do contrário, apresentariam uma tendência à insustentabilidade.

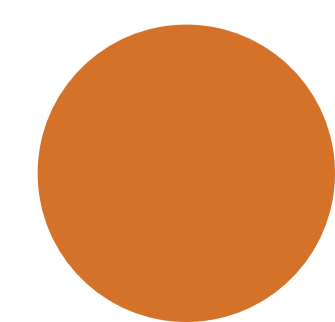
Um ponto nevrálgico que se mostrou de forma gritante durante o período de quarentena e isolamento social em escala mundial é a revitalização das condições ambientais, em detrimento a paralização das atividades econômicas comprometidas com o máximo de produtividade e associada ao máximo de lucro como diretriz objetiva do sistema sociopolítico e cultural vigente. Diversos índices referentes à qualidade do ar, revitalização de florestas, rios, condições atmosféricas, avanço nas ações da flora nos espaços urbanos, entre outras melhorias das condições ambientais foram detectadas em diversas regiões do planeta. O que é importante observar é que tal revitalização do planeta como organismo vivo, está diretamente associada ao recuo das atividades econômicas em larga escala, revelando de forma inquestionável a relação direta entre altos índices de produtividade, consumo e capitalização de recursos, associada diretamente a um alto índice de escassez e insustentabilidade desse modelo sociopolítico hegemônico que tem no capitalismo sua fonte inspiradora de ações



sociopolíticas e culturais.

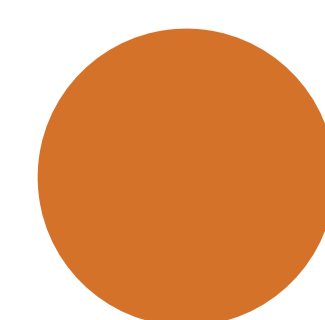
O sistema capitalista embora apresente uma carga de insustentabilidade latente em sua maneira de operar, atribuindo exclusivamente o valor de capital aos recursos e forças criativas do plano real de natureza da vida, se mantém através de nossa força de trabalho individual. Na verdade, estas seriam as forças criativas do plano real operando em nós de maneira específica. Nosso trabalho seria como o “processo criativo” das forças do real atua no mundo através de nós humanos. Neste caso, estaríamos utilizando as forças criativas para criar um sistema que trabalha contra a perpetuação das mesmas. E isso se daria justamente no desvio dos valores inerentes aos recursos no sentido de sua capitalização. Capitalizar é esvaziar os valores em nome de um controle máximo dos recursos e suas forças criativas. Esse processo estaria intimamente relacionado ao funcionamento da economia nos moldes capitalistas. Ou seja, tornar um sistema sociopolítico e cultural hegemônico residiria no intuito de anular as forças desestabilizantes do plano real em nome de uma ditadura do controle do capital.

E aqui ressalto uma problemática importante: Por que dedicamos nossa força de trabalho a um sistema fadado ao fracasso e que pretende o controle das forças criativas de diversidade, inerentes à natureza da vida, em nome de



uma cultura “monocromática” e globalizada? A resposta que consigo oferecer a esse texto seria: Porque o sistema “sequestrou” nossas formas de subsistência obrigando-nos a dedicar nossa força de trabalho à sustentação deste modelo e conseqüentemente garantir a hegemonia de instituições e corporações que, através de suas lideranças, controlariam o sistema através da capitalização dos recursos. Ou seja, ocorreria uma espécie de escravidão moderna e velada, travestida de liberdade de escolha, onde a capitalização dos recursos como forma de controle estaria associada a um ambiente de competição pela subsistência. Um ambiente onde as escolhas são feitas a partir de alternativas dadas e sempre cerceadas pelas balizas do sistema econômico.

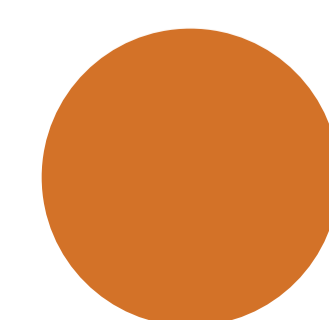
Tal captura de nossas forças criativas se daria através de amarras sobre o que costumo chamar de corpo anímico, um corpo sensível e invisível ligado às forças do pensamento, sentimento e desejo, ou seja, o sistema capitaliza nosso corpo anímico orientando nossos pensamentos, sentimentos e desejos, no sentido de trabalhar sob a égide de suas premissas, e principalmente afirmar que dependemos dele para subsistir. Encaminha, dessa forma, nossas ações no sentido de alimentar as necessidades do modelo econômico vigente. Mas o principal mesmo, para que nos entreguemos às suas diretrizes seria, na verdade, confundir real e realidade. Acreditamos, nos momentos em que nos entregamos ao



modelo capitalista, que o plano real é o sistema, ao passo que este seria somente uma realidade possível dentre infinitas outras.

Capitalizar recursos significa criar demandas para que estes recursos gerem valor de controle. Isso acontece quando o sistema investe na escassez, provocando um estado de competitividade pelos recursos necessários. Recursos sobre o comando de quem exerce o controle das instituições e sobre as atividades do sistema. Este seria um dos princípios da economia de mercado, com o estado agindo a seu serviço, em detrimento ao que reconhecemos como seguridade social, onde os recursos ao invés de serem capitalizados no sentido de impor um controle das forças criativas do plano real a serviço da realidade econômica, estas estariam a serviço de um equilíbrio socioambiental.

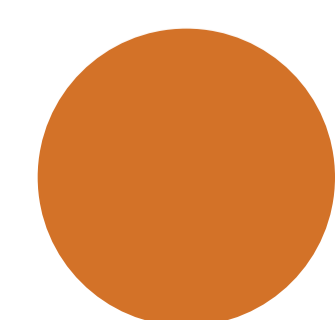
No Brasil, essa relação se mostrou evidente na conduta do governo federal em relação à pandemia, quando este conduz as ações do estado, através das instituições, no sentido de expor o conflito entre seguridade social e saúde da economia. Trago este contraponto, visto que as medidas indicadas por órgãos internacionais de saúde, como quarentena e isolamento social, seguiam nas trilhas de uma política de seguridade social, garantindo certas condições que gerassem segurança alimentar, no emprego etc.



Houve grande resistência do estado a se dispor congruente com as diretrizes de seguridade social determinadas por órgãos internacionais em detrimento às exigências do mercado. Isso para que a economia continuasse ativa, demonstrando uma dependência do sistema sociopolítico e cultural a esse modelo avesso a qualquer ação no sentido da segurança social e que exauri os recursos da natureza ambiental e humana em nome da produtividade e suas causas de riqueza baseada em lucro, acúmulo de propriedade e alto índice de consumo de produtos, como alimento de uma balança comercial positiva.

Outro dado relevante, analisando esta condição de revitalização do planeta diante do recuo das ações humanas, está em uma perspectiva de que a produtividade em escalas exageradas representaria potencializar forças ligadas ao estado de insustentabilidade em detrimento as forças responsáveis pela manutenção de um modelo de sociedade. Ações humanas que operariam em razão inversa às ações do planeta como um organismo que atua em direção a sua sobrevivência.

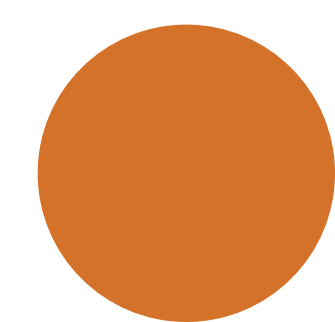
A sobreposição das ações humanas sobre as ações do planeta implica, nos termos que venho desenvolvendo aqui, sob o prisma de plano real e plano da realidade, uma sobreposição das diretrizes de realidade do sistema



capitalista, em detrimento às forças do plano real em contínuo processo criativo regendo a natureza da vida além do modelo hegemônico vigente.

As alternativas à questão da insustentabilidade do sistema capitalista como sistemas permaculturais, agroflorestais, ecovilas e sistemas baseados em economia solidária etc, seguem, todos, apesar de suas diferenças nos procedimentos, um pensamento que professa a necessidade de um equilíbrio socioambiental de as ações humanas dentro de uma realidade sociocultural e político-econômica, agirem no sentido de facilitar o serviço da natureza da vida. (ARRUDA, 2018) Ou seja, agir congruente às forças criativas do plano real. Dessa forma, ao contrário do capitalismo hegemônico e colonizador, os sistemas sustentáveis preveem ações que auxiliem a natureza da vida a cumprirem seus designios e não uma sobreposição das ações humanas ao meio, desviando rotas, alterando ecossistemas, degradando recursos e conseqüentemente provocando escassez e exaustão destes recursos.

A visão sistêmica de uma sociedade em relação ao indivíduo, para avaliar a carga de insustentabilidade, pressupõe uma ecologia das ações individuais como sustentação do sistema como um todo. Um rebatimento espelhado de forças que retroagem das intenções do indivíduo e refletem também no *hall* de intenções da



sociedade moldando um sistema que se estrutura nesse processo de espelhamento.

Como já mencionei acima, as forças criativas próprias da dinâmica da vida, nos atravessam e operam no mundo através do trabalho de nossas ações no meio em que vivemos. Isso implica nas diretrizes de nosso trabalho, como orientamo-nos em relação a nossa alimentação, produção de resíduos, valores morais e culturais que alicerçam nossas atitudes e instituições, ou seja, um grande complexo de vetores constituintes das formas e estruturas sociais que moldam uma realidade específica. Isso significa que sob um ponto de vista sistêmico, um campo de produção de conhecimento, instituições, e seus membros estabelecem relações em rede que se processam nos enredamentos que se efetivam e nos capturam em nossos pensamentos, desejos, sentimentos e ações.

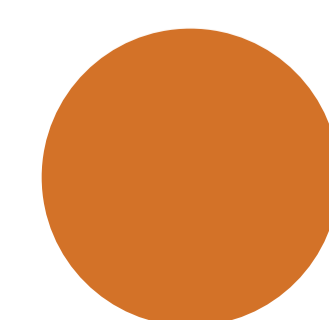
Dessa forma, o evento Covid-19, muito mais que agir pontual e evidente de acordo com causas diretas na saúde pública, opera como um indicador de problemáticas estruturais do sistema sociopolítico e cultural vigente que rege os modos e maneiras de existir da sociedade, como um todo. A abordagem que a sociedade assume diante de uma situação revela seu modo de pensar, demonstram valores que são cultuados para manter o modelo funcionando. Esta diretriz pode estar alinhada ou não com as forças criativas



do meio em relação à perpetuação de suas bases. Se sim o modelo colabora com o contínuo processo criativo, do contrário, o modelo entra em processo de deterioração em direção à extinção de suas estruturas. Ambas são próprias das funções do tempo e do espaço. O nosso modelo de sistema social, baseado nas necessidades da economia de mercado, estaria na segunda opção.

O que pretendo ressaltar, e entendo esse momento de pandemia propício a isso, é a necessidade de desenvolvermos um olhar crítico e questionador sobre a naturalização de nossas ações e de nossa realidade sociopolítica, cultural e histórica que se apresenta claramente em condição de insustentabilidade, crises sociais, graves inversões de valores morais e civis, no que diz respeito aos direitos humanos, manejo do ambiente natural, produção de alimentos, desenvolvimento de práticas de educação e porque não dizer do papel das manifestações, ditas artísticas e culturais, e mais especificamente, em nosso caso, as artes cênicas e performáticas contidas nesse contexto.

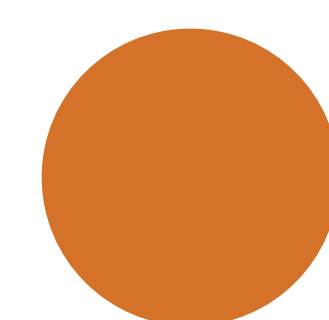
Para analisar um dos realces promovidos pela ocorrência da pandemia Novo Covid-19 em relação às agendas programadas de um sistema sociopolítico e cultural vigente, considero a utilização das tecnologias em rede, representada pela internet e seus recursos e modelos de ação, o cume desta agenda. Tais tecnologias se mostram



como ferramentas que promovem impactos definitivos nas relações sociais e na estruturação de uma sociedade e suas necessidades. Diante desse contexto já ouvi, li e presenciei discussões acerca da ideia de uma nova normalidade baseada na realidade virtual promovida por esses meios que penetram por todos os “poros” da sociedade em relação às demandas geradas por situações sociais específicas, se apresentando como ferramenta facilitadora e emancipadora das condições humanas e suas necessidades.

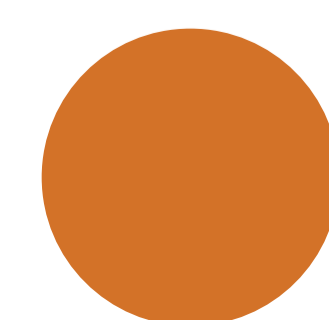
Percebo que o impacto mais significativo que se mostra na intervenção das tecnologias, dos sistemas de rede e da internet é a dependência que a sociedade e os indivíduos passam a apresentar em relação à utilização destas tecnologias. Ou seja, tais ferramentas passam a reger o que é necessário ao funcionamento do sistema e conseqüentemente a regência das ações individuais neste sentido. Um professor universitário, hoje, teria muita dificuldade em manter seu emprego se optar, por exemplo, em não utilizar internet e redes sociais. Ou seja, sua subsistência passa a estar vinculada a ferramenta.

Ou melhor, as tecnologias passam a ditar as regras, através de suas diretrizes de ação, que devem ser cumpridas para se realizar e dinamizar a sociedade como um todo, seja no nível da produção, da comunicação ou da realização de necessidades e anseios individuais ou institucionais.



O meio virtual passa a ser uma obrigatoriedade e não mais uma opção. Nossa subsistência como indivíduos e sociedade passa a estar atrelada a utilização das redes e suas plataformas para que o sistema possa continuar funcionando. Cada vez menos é possível sobreviver sem estar intimamente vinculado às redes, o que começa a apresentar um caráter de tirania ou uma espécie de ditadura da internet. Ficamos sem escolhas quanto à opção de utilizar ou não os meios virtuais como ferramenta. Sua subsistência passa a estar atrelada a esse uso.

Para atestar o que acabo de escrever basta meditar sobre quantos serviços são capazes de serem realizados sem internet? Quantas indústrias são capazes de sobreviver sem internet? Quantas pessoas poderiam garantir sua sobrevivência, hoje, sem o uso da internet e seus aplicativos? Fato é que a internet e seus recursos se infiltraram como ferramentas de facilitação e emancipação e aos poucos vão operando de maneira a sequestrar a subsistência humana e da sociedade como um todo que passa a ser possível somente diante de sua utilização. A obrigatoriedade e o controle andam juntos, desta forma tornamo-nos reféns deste modelo regulador da sociedade. Na medida em que se criam dependências obrigatórias com o sistema de internet, essa se torna, na verdade, uma ferramenta muito mais de controle social do que uma ferramenta de



emancipação do indivíduo e da coletividade.

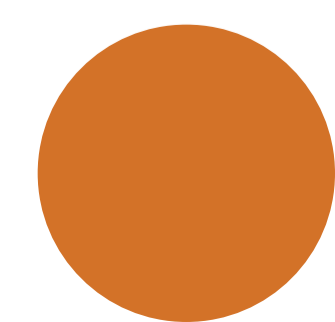
É certo que tal movimento já ocorria como agenda social muito antes do aparecimento da pandemia Covid-19, transformando cada vez mais nossa condição como indivíduos e sociedade, em uma relação de dependência das redes e do meio virtual para subsistir. Aponto a condição de agenda, indicando que esse contexto de dependência e sequestro de nossa subsistência, estaria programado diante de uma diretriz de controle histórico. Isso é possível analisando a evolução da sociedade moderna colonizadora e hegemônica, sob o prisma de suas bases residirem no manejo e manipulação da informação, no intuito de controlar recursos e população. Tal afirmativa se mostra válida se analisarmos a baliza histórica de regulação da sociedade baseada na técnica, na ciência, no direito, na religião etc, instituições e procedimentos de controle a informação com base na veiculação e comprovação da “verdade” ou do que deva ou não ser feito ou realizado.

Tal qualidade de controle de recursos e população se mostra intimamente atrelada à capitalização destes recursos agregando valor de riqueza para aqueles que se posicionam na ação de controle do sistema capitalista representados por corporações, bancos entre outras instituições financeiras capazes de operar a diversidade de setores do sistema econômico de forma a integrar o fundamento de controle

e gerar o máximo de riquezas.

Acometidos pela pandemia gerada pela disseminação do Novo Covid-19, vimos uma desestabilização das relações sociais em níveis diversos, visto as medidas que necessitaram ser tomadas diante da situação. Podemos entender que tais medidas tem como eixo central de impacto social, uma suposta necessidade de isolamento, para que ações de saúde pudessem ser realizadas, com o intuito de que o vírus não se proliferasse e, todavia, alcançasse um enfraquecimento e desaparecimento dos efeitos da pandemia. Trago essa ideia de suposição não por negar ou deslegitimar a diretriz do isolamento, mas para enfatizar a relação desta diretiva, a uma forma específica de ver o mundo como modelo de realidade. Um olhar sobre o mundo, por exemplo, que não entende uma necessidade vital nos encontros e na sociabilidade humana como recurso de saúde, seja ela mental ou física, até porque, em se tratando de analisar o campo das artes cênicas e da *performance* (de forma mais generalista), o encontro e as forças mobilizadas pela presença estão no cerne de sua existência como necessidade no decorrer da história das sociedades.

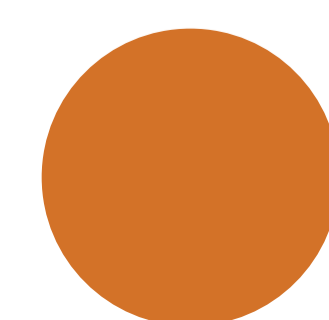
Entendo que, mais até do que os efeitos diretos da pandemia e suas resultantes sobre a população, tais desestabilizações das relações sociais, revelam muito



sobre o sistema social em que vivemos, suas agendas e prospectos, seus eixos principais e suas vulnerabilidades diante de qualquer ocorrência que provoque instabilidade no sistema, e principalmente potencialize seu caráter de insustentabilidade. Ou seja, mais do que a ação da pandemia, é importante observar como abordamos tal ocorrência, fazendo valer e afirmando diretrizes implícitas de um sistema sociopolítico e cultural em relação a objetivos e preceitos intrínsecos a sua própria maneira de operar.

Muito embora seja pouco provável que venhamos, de fato, ter ciência da origem do vírus, ao menos por ora, principalmente quanto a condição de uma veiculação estratégica ou espontânea do mesmo, podemos observar de maneira muito clara e normalizada a capitalização de sua ocorrência. Escrevo isso para realçar a condição de manejo histórico dos designios humanos diante das intempéries que nos assolam no decorrer de nossa história. Uma das bases de nossa agenda histórica, analisando um pensamento colonialista e que se pretende hegemônico, alicerçado, nos dias de hoje, no evento da globalização, é o manejo e porque não dizer a manipulação da informação, no sentido de capitalizar e adquirir controle sobre recursos da natureza, incluindo a natureza humana.

Isso significa que independente do vírus ter sido produzido em laboratório ou ter surgido de maneira



espontânea, como a informação vem sendo difundida e aceita, a sociedade capitalista precisa transformar essa ocorrência em capital. E esse processo segue desde a produção de máscaras caseiras, até grandes desvios de verbas públicas, a priori, destinados à contenção da pandemia. Capitalizar as ocorrências, neste caso, muito mais do que transformar o acontecimento em renda, é gerar benefícios específicos associados à maneira de pensar e operar o sistema e encaminhar suas consequências no sentido de reproduzir um modelo de controle de recursos e população, controlar a natureza da vida, bem como a natureza humana. Dessa forma, manter as instituições funcionando no sentido em que se preserve uma hierarquia de poder e controle da manutenção do sistema.

No caso de o vírus ter sido produzido em laboratório, nos moldes das diretrizes capitalistas, isso ocorreria como criação de demanda para a capitalização do evento, ou seja, os sistemas de controle teriam vislumbrado, de forma estratégica, que a ocorrência da pandemia poderia gerar benefícios para a manutenção do sistema enquanto poder de controle sobre recursos e população.

O que desejo realçar aqui, é que a abordagem que temos diante do evento Covid-19 é intrínseca, revela e demonstra, de maneira explícita, sob quais diretrizes que nossa condição sociopolítica e cultural encaminha nossa

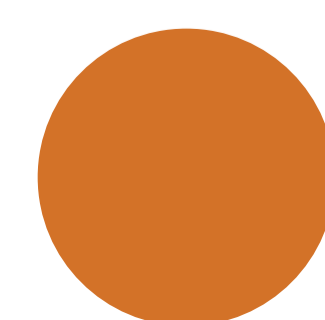


realidade diante da condição real que se impõe independente da própria realidade e modelo social que se sobrepõe a ela.

Porém, o que as artes cênicas e performáticas teriam a ver com isso? Primeiramente as artes da *performance*, são essencialmente artes da presença. Está na condição experiencial seu sentido de existir. Se historicamente reconhecemos certa necessidade de existir da performatividade entre a diversidade de sociedades humanas espalhadas pela história, esta se faz na necessidade das relações presenciais e suas infinitas possibilidades de recriar realidades a partir das forças do plano real em sua continuidade criativa no espaço-tempo.

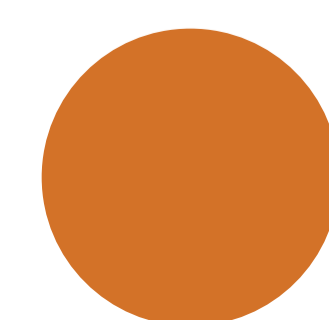
As artes cênicas existem exclusivamente sob o salvo conduto de relativizar a realidade presencial como experiência fundamental para a compreensão das ações do real e da realidade, como estrutura flexível de energias transformadoras a partir dos gestos, movimentos, sons e toda sorte de elementos expressivos próprios desta manifestação. Uma dinâmica entre força e forma que instaura e desintegra formas, desenhos, coreografias, encenações, orquestrações em relação ao espaço preenchido de sentido e direção na *performance*.

O prefixo *per* apresentando o sentido de através de, e



formance, termo que se refere à forma, revela no sentido da palavra *performance*, uma noção daquilo que atravessa a forma. Ou seja, intrínseco ao conceito de *performance*, é possível reconhecer seu caráter de complementariedade entre força e forma, onde os desenhos possíveis da *performance*: gestos, movimentos, coreografias, encenações, figuras, personagens, sons etc estariam regidos por um regime de forças de vida criando múltiplas realidades presenciais. As múltiplas realidades possíveis de serem criadas pela performance que vão, no seu sentido mais amplo, desde situações ficcionais, rituais arcaicos de todos os tipos e culturas, coreografias para palcos, entre outros modos de *performances* urbanas, espetáculos musicais, manifestações da cultura popular, sempre trazem em seu bojo essa característica de maleabilidade da realidade e suas possibilidades de invocar forças que vão além de uma sociedade normativa e hegemônica. Residiria aí o caráter subversivo intrínseco a esse modo de manifestação cultural.

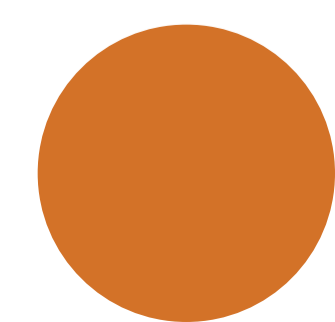
O advento da obrigatoriedade do meio virtual na condução dos desígnios sociais, operando as necessidades humanas e sociais se coloca inversamente proporcional às necessidades básicas das artes performáticas: a presença. Durante a pandemia isso se acentuou em uma condição de impossibilidade de se promover encontros. E diante



das diretrizes de isolamento operou dominante diante das urgências intrínsecas às necessidades de conexões e encontros interferindo nas perspectivas e anseios das pessoas em relação às causas e consequências da pandemia. Ou seja, o uso das redes tornou-se um ponto de apoio basilar e estrutural do olhar e da abordagem da sociedade sobre o acontecimento da pandemia, moldando a realidade das pessoas diante da submissão imposta pela condição como um todo.

É possível pensar que isso seja passageiro, mas no momento em que reconhecemos a urgência da virtualidade no modelo social como agenda independente do episódio pandemia isso já retrata outra realidade. Mais ainda uma agenda programada de uma sociedade que se pretende virtual em relação a suas estruturas de funcionamento, revela urgências que não se alinham a uma corrente de ações que vê a experiência presencial como fundamento da realidade. Na verdade essa tendência se alinha diretamente ao modelo econômico como função de pensamento, ação, sentimento e desejo, pois o mundo virtual das redes acionam e dinamizam com muito mais eficiência a difusão dos valores estruturais de controle centrados na produtividade.

Ainda que a noção de *performance* em seu mais amplo sentido, traga esse caráter de recriar realidades a partir do manejo de forças do plano real, quando inseridas em



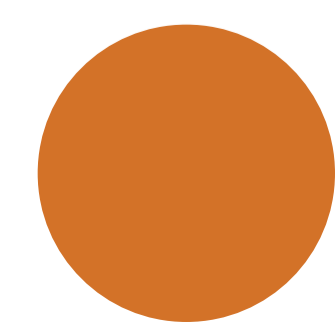
um contexto capitalista, tal função se mostra de alguma maneira enfraquecida quando aprisionada pelas diretrizes do sistema, principalmente no que diz respeito à sua subsistência através da subsistência dos *performers* e coletivos performáticos.

O mesmo sequestro de nossa subsistência que descrevi acima, vale para a condição das artes cênicas como terceiro setor da economia. Diante dessa afirmativa e seguindo com Zygmunt Bauman: a cultura, neste contexto, se torna um “armazém de produtos para consumo, uma espécie de seção da loja de departamentos (...) na qual se transformou o mundo habitado por consumidores.” (BAUMAN, 2001). A função original da arte em transformar e recriar a realidade se desloca no sentido de dar resolução a um ciclo de produção e comercialização que efetiva uma cadeia de consumo integrada ao complexo de produtividade característico do capitalismo. Porém, a questão vai além, pois essa cadeia de consumo se expande com um sistema tecnológico que integra a economia e expande as diretrizes e valores que estão na base da sustentação do modelo. Difunde e aciona pensamentos, sentimentos e desejos congruentes com sua manutenção enquanto modelo de realidade. Isso revela uma característica importante de uma rede operacional que interliga diferentes setores da sociedade e demonstra o alcance que um segmento

específico da atividade produtiva apresenta e seus limites imediatos.

Com o advento da Pandemia Covid-19 essa rede tecnológica representada pela internet e redes sociais se tornou bastante ágil em dinamizar e difundir a agenda dos modelos capitalistas e a capitalização da economia, visto que as diretrizes de comportamento são exclusivamente difundidas a partir destes meios. O isolamento social, muito embora se possa ter certeza que fosse a única solução para o efeito do vírus, é recurso velho conhecido das diretrizes de controle. Em sistemas ditatoriais uma das medidas de controle mais recorrentes é a contenção de aglomerações em espaços públicos, e permanência das pessoas em pequenos grupos familiares, pois se torna muito mais difícil controlar pessoas regidas por coletivos humanos do que cidadãos isolados e impulsionados por máquinas e mídias. Dessa forma, as ações diante do evento do vírus, afirma e reproduz uma agenda que traz diretrizes afinadas com um modelo de sociedade que valoriza condutas tirânicas que passam a ser normalizadas.

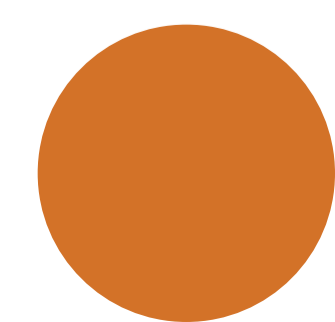
Ou seja, toda a potência em transformar a realidade contida no interior da *performance*, é cooptada por um grande sistema de consumo e produtividade que penetra e contamina os impulsos geradores da *performance* artística, seja ela, na forma de teatralidade, dança, música ou a



própria *performance art*, neste contexto. Não posso afirmar que estariam definitivamente inativas as forças criativas e desestabilizantes do plano real agindo na *performance*, enquanto ação social, até porque estas jamais falecem. E são elas que são capazes de desestabilizar o modelo até se desfazer, agindo nas zonas de vulnerabilidade do sistema.

O que acontece é que o modelo de linguagem artística inserido na sociedade oprime essas forças criativas em nome da manutenção de um modelo que necessita do binômio competitividade/escassez para se sustentar. Trata-se de uma competitividade por patrocínios, financiamentos, subsídios públicos, editais de prêmios e fomentos governamentais, artifícios de controle de crédito e débito para aqueles que representam ou não o sistema vigente. Aqueles que têm crédito dentro do sistema ocupam lugar de destaque e controle, os demais se situam na região dos débitos.

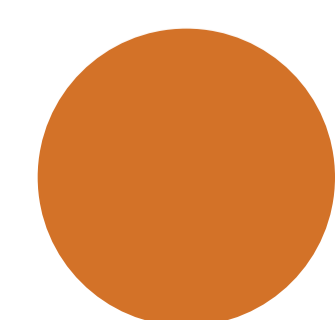
As artes performativas enquanto segmento de uma cadeia produtiva ligada à economia de mercado, acaba por sacrificar sua potência de liberdade criativa, congruente com as forças instauradoras da realidade. Oferece uma grande parcela de seu potencial criativo e transformador, a um sistema viciado de produção que alimenta um modelo de realidade insustentável vinculada à produtividade e a exaustão do meio em que vivemos. Tudo isso porque



afirmamos só poderemos subsistir dentro de um sistema de produção específico. Acreditamos que necessitamos deste modelo para usufruir do potencial criativo da vida. Cremos em uma zona de conforto que nos apresenta mediante a esse compromisso com a economia de mercado e o consumo de sua produção. Devo esclarecer que acredito que ocorre um embate entre forças criativas que agem nas brechas das estruturas moveis do sistema e suas amarras que moldam as ações nas diretrizes do sistema de mercado e de créditos.

Ao mesmo tempo em que tencionamos o sistema através de nossa criatividade em nossas produções performativas, estas devem impulsionar as engrenagens do mesmo, para que possamos sobreviver do nosso trabalho. E assim se dá um ciclo vicioso que envolve criatividade, subsistência, resistência a modelos obsoletos de relação com a realidade e com o meio, modelos de comportamento e submissão a instituições e hierarquias de poder e controle dos meios de produção e fomento, através de incentivos, patrocínios, estabilidade profissional etc. Uma engrenagem que elabora os impulsos criativos e que tencionam as estruturas do sistema no sentido de que a urgência de sua ocorrência esteja moldada no sentido de trabalhar dentro da lógica da sociedade de mercado.

Finalizo este texto com a intenção de enfatizar a

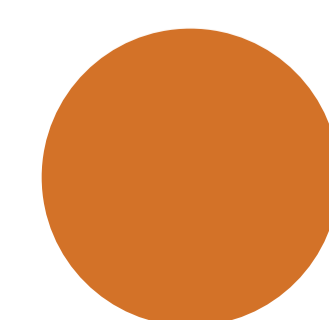


qualidade transformadora de realidades, modelos e sistemas, própria das artes cênicas. Faço isso, principalmente quanto ao caráter performativo de suas ações. Sob meu ponto de vista, aponto de forma crítica um posicionamento corrente de aceitação de um modelo de produção e reconhecimento ligado a uma condição de comportamento social sistêmico, vinculado a mecanismos geradores de ações insustentáveis diante das configurações da realidade de nossos modelos sociais vigentes.

Acredito que o evento Covid-19 enfatiza certas diretrizes, agendas e pautas de nossa sociedade, diante da abordagem que acabamos por acatar, visto nossa dependência das redes e internet para moldar nossos pensamentos, sentimentos, desejos e ações como resultante da captura de nossa subsistência.

Uma alternativa que venho pesquisando em relação a isso, é desenvolver um pensamento que alia o campo das artes cênicas e a prática da performance, às práticas que perseguem a possibilidade de um sistema sustentável.

Para ser objetivo neste momento, me balizo nas chamadas comunidades alternativas e ecovilas, e seus desafios para subsistir sob o prisma de um novo paradigma social, como referência de sustentabilidade, e que não esteja assentado em um sistema de controle pela capitalização

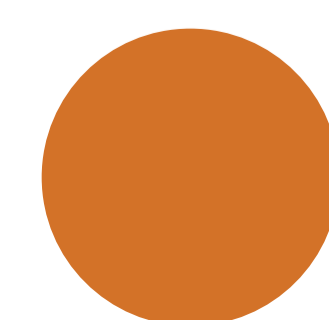


de recursos e população.

de forma sistêmica, encontro respostas em um olhar que se coloca diante de uma complexidade de atividades sociais integradas. Isso significa que as atividades humanas, na medida do possível, para reverter o processo de deterioração do meio pelas ações produtivas orientadas pela economia de mercado e pelo sistema de créditos, deveriam manter relações mais rizomáticas entre si.

No caso das artes performáticas sua estruturação se torna saudável no momento em que as fronteiras com a produção de alimentos, construções bioecológicas, seu caráter lúdico ou sagrado na estrutura pedagógica e espiritual da comunidade, sua condição de arte na recriação de realidades abstratas, sua relação com as pessoas pertencentes ao coletivo no dia a dia, suas bases de produção entre as outras condições para sua ocorrência, ganhe mais integralidade entre si e se desvincule de uma estrutura capitalista para exercer sua urgência na criação de novas e múltiplas realidades possíveis.

Tais realidades devem estar congruentes com as forças do real identificadas com a preservação, e muito mais que isso, recuperar o sentido múltiplo e diverso contido na relação com a natureza da vida, ecossistemas, práticas mágicas e surpreendentes no manuseio do corpo anímico

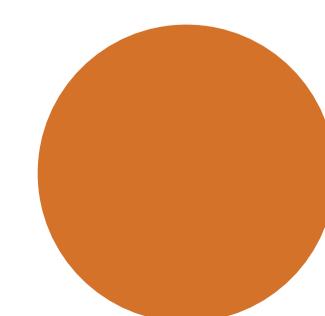


(sentimento, pensamento e desejos), além de otimizar o uso de tecnologias como artifício para a condição de presença diante das forças de sustentabilidade de uma realidade saudável e próspera, abundante, onde a produtividade se mostre sempre em acordo com diretrizes que impulsione os designios de vida das diversas maneiras e modos de existir presentes nas experiências reais onde a performance e as chamadas artes cênicas realmente tenham com o que contribuïrem diante de sua condição essencial de artes da presença.

É preciso trabalhar para que os modelos de economia de mercado e sistemas de créditos se transformem em diretrizes obsoletas em nome do fortalecimento de relações saudáveis e responsáveis com o meio, em uma cultura de equilíbrio das relações sociais e com o meio em que vivemos.

__REFERÊNCIAS

ARRUDA, Beatriz Martins. **O fenômeno de ecovilas no Brasil contemporâneo**. Dissertação (mestrado em urbanismo). Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. PUC, Campinas, 2018.

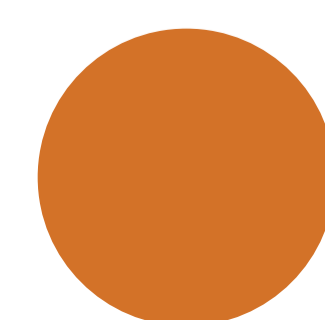


BAUMAN, Zygmunt, **44 cartas ao mundo líquido moderno**, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

GIL, José. **Movimento Total: o corpo e a dança**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.

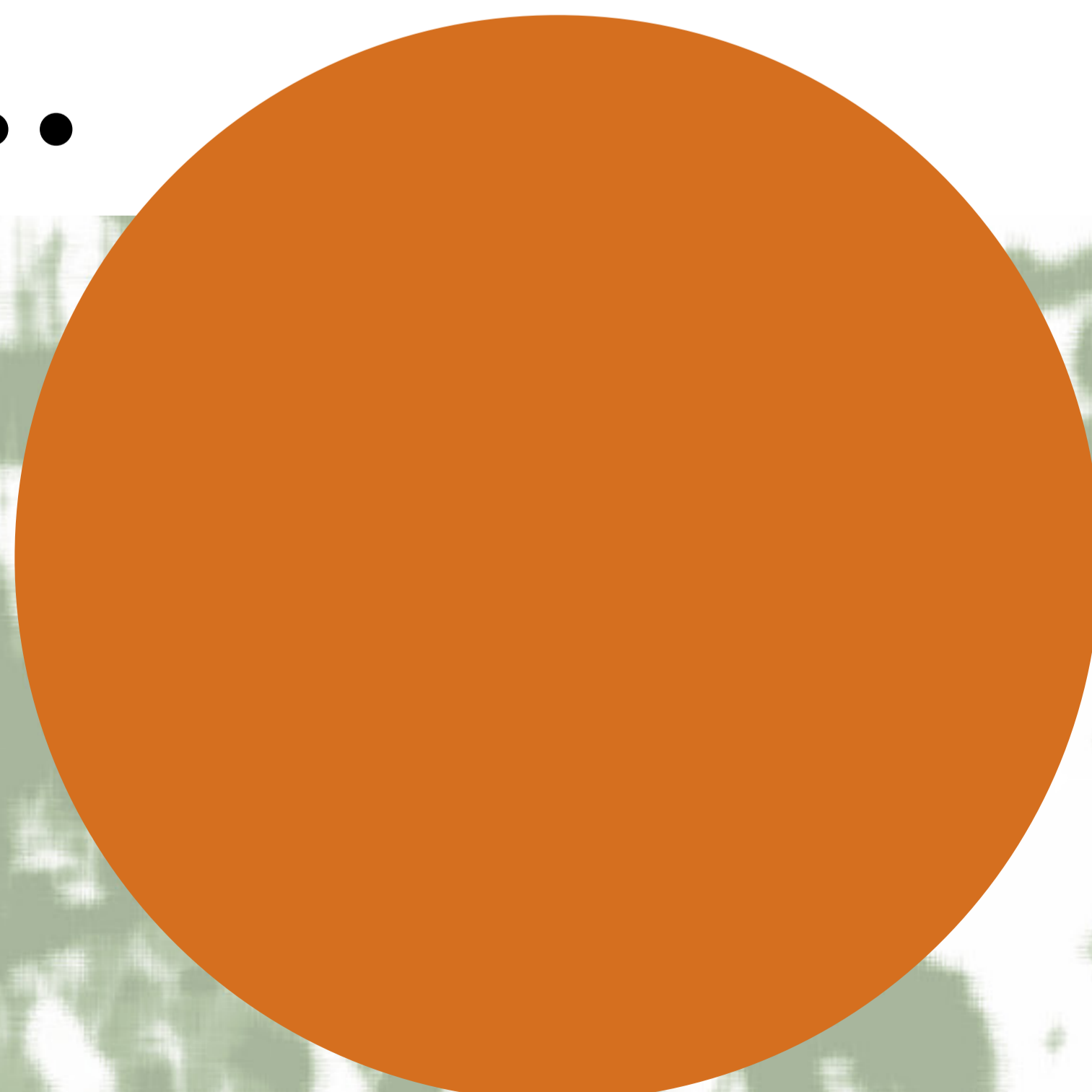
SCHECHNER, Richard. **Performance theory**. New York: Routledge, 1988.

HADDAD, Luiz Naim. **Escuta, movimento, modos e maneiras de existir em *performance***. Tese (doutorado em teatro). Programa de Pós-graduação em Teatro, UDESC, Florianópolis, 2017.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

